

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL
E
CONSTRUÇÕES

N.º 1

ARCHEOLOGIA HISTORICA
E
PREHISTORICA

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

INTRODUÇÃO.....	Pag 1
SECÇÃO DE ARCHITECTURA:	
Architectura dos povos da antiguidade, (continuado do n.º 12) pelo sr. J. P. N. DA SILVA.....	2
SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA:	
Relíquias da architectura militar e civil da Edade media em Vianna, pelo sr. LUIZ DE FIGUEIREDO DA GUERRA	6
Descripção da estampa n.º 45.....	8
Parecer apresentado pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes ácerca das publicações da obra artistica «Portugal Antigo e Moderno, 1883».....	9
Quelques considérations sur les haches de bronze trouvées en Portugal, par le Chevalier J. DA SILVA..	12
CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO.....	14
NOTICIARIO.....	15

INTRODUÇÃO

Ao darmos principio ao 4.º tomo do *Boletim*, julgamos que nos impende o dever de apresentar aos leitores a enumeração dos principaes factos da historia da nossa sociedade, occorridos no triennio de 1879-1882, em que saiu a lume o tomo antecedente.

Serão assumpto da nossa rapida resenha, a que opportunamente daremos desenvolvimento, os seguintes objectos:

Offertas com que augustas personagens, e varios cavalheiros, enriqueceram o nosso museu;

Offertas de livros e de publicações de diversos generos para a nossa bibliotheca;

Visitas ao museu, feitas por augustas personagens, e por distinctos sabios;

Diversos factos que fazem honra á sociedade, revelando a consideração que merece ao governo e a corporações respeitaveis, e ao mesmo tempo os serviços artisticos que lhe foi dado prestar;

Elogio historico dos architectos da igreja do Carmo.

OFFERTAS PARA O MUSEU

De Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz:

Um altar com embutidos de marmore de cores differentes, estylo bysantino;

Uma esculptura em granito, dos fins do seculo XII, trabalho nacional;

Um craneo das Novas Hébrides, onde ha o costume de comprimir os craneos das creanças para lhes tirar a configuração da testa.

Do sr. conde de Marsy:

Uma matriz em cobre do brazão do 3.º conde de Barcellos, encontrada em Pariz;

Do sr. barão de Baye:

Uma collecção de instrumentos prehistoricos por elle descobertos nas cavernas artificiaes de Champagne.

Do sr. visconde de Sortello:

Uma collecção de medalhas antigas, pertencentes a varias epochas.

De diversos:

Objectos do Mexico e do Perú.

Um grande machado (do Rio Grande) com dois gumes, epocha neolithica.

Um padrão de azulejos pertencente ao antigo palacio do Corte Real, descoberto nas obras do arsenal da marinha;

Um tijolo de forma especial para a construcção dos pilares do hypocaustum, descoberto recentemente n'uma casa de banhos da antiga cidade romana de Nabancia;

Algumas chaves de feitio antigo pertencentes ao convento de Santa Clara de Sankrem.

OFFERTAS PARA A BIBLIOTHECA

Muitas obras de archeologia e de architectura foram offerecidas por associações scientificas de França, Italia, Alemanha, Grecia, Hespanha, Inglaterra, Hollanda, Estados Unidos da America e Belgica. Tambem se recebeu uma memoria, escripta pelo sr. Emilio Travers, intitulada: *Les instruments de musique au xiv.º siècle d'après Guillaume de Machant.*

VISITAS AO MUSEU

Em 1880 foi visitado pelos membros do congresso internacional de anthropologia prehistorica celebrado em Lisboa.

Em memoria d'esta visita mandou a associação gravar n'uma lapide os nomes dos sabios estrangeiros, que a honraram com a sua presença. A lapide está exposta no cruzeiro do Carmo.

O principe Leopoldo de Coburgo, acompanhado por seu irmão, El-Rei D. Fernando, visitou o museu em 1881.

O dr. Hubner tambem visitou o museu em 1881. Disse que nas bibliothecas de Berlim existia o nosso *Boletim*, unica publicação portugueza n'este genero.

O professor do instituto real de archeologia de Londres, Mr. Smith, admirou no museu os machados de bronze, prehistoricos. Foi-lhe offerecida uma gravura que os representa.

No anno de 1882 visitaram o museu 1383 estrangeiros.

DIVERSOS FACTOS

O governo, pelo ministerio das obras publicas, encarregou a associação de designar os edificios que devem ser considerados monumentos nacionaes.

Fomos consultados pela irmandade de S. Pedro de Guimarães sobre o projecto para a reedificação do templo d'este nome. Depois de modificado pela secção de architectura, foi remettido á irmandade

e aceito por ella. A gratificação que nos offereceram foi mandada entregar á viuva do engenheiro que havia feito o primeiro projecto.

Os machados de bronze, prehistoricos, descobertos em Portugal, pertencem a uma industria indigena da Lusitania, como foi communicado no congresso de Lisboa e depois confirmado pelo sr. Mortillet na sua obra sobre os mais notaveis specimens prehistoricos.

Os objectos descobertos nas escavações de nove dolmens nos campos d'Elvas mereceram no congresso da Rochella, em 1882, a qualificação de *joias celticas.*

Sua Magestade El-Rei D. Fernando distribuiu em sessão solemne medalhas de prata e de cobre aos socios que haviam prestado relevantes serviços á sciencia e á architectura.

Foram admittidos 35 socios effectivos, comprehendendo 14 damas portuguezas.

Inscreveram-se 41 socios correspondentes: Portuguezes, 11; Hungaro, 1; Francezes, 9; Italianos, 3; Brasileiros, 3; Polaco, 1; Russo, 1; Allemães, 2; Hespanhoes, 6; Inglezes, 2; Belgas, 2.

Em 1882º foi a Associação solicitada para apresentar o plano do monumento que se pretende erigir em Guimarães á memoria do Papa Pio ix.

Aberto concurso, nenhum artista se apresentou.

Alguem, para obsequiar a Associação, offereceu um projecto, que foi approvedo pela Comissão Promotora do monumento.

Leu-se, em sessão solemne, o elogio historico dos 3 architectos da igreja do Carmo.

Na fachada d'este edificio collocou-se uma lapide designando os nomes dos mesmos artistas e a era da fundação do monumento. Ha uma portaria que auctorisa a Associação a collocar em todos os edificios publicos monumentaes o nome dos architectos que os delinearão.

SECÇÃO DE ARCHITECTURA

ARCHITECTURA DOS POVOS DA ANTIGUIDADE

(Continuado do n.º 12, Tom. III, pag. 181)

O exame d'estes monumentos do Indostão confirma-nos a descripção que os historiadores da antiguidade fizeram dos prodigiosos monumentos,

que haviam encontrado, executados na architectura da Asia, muitos tempos antes que na Grecia fosse esta arte cultivada. Não põem em duvida que estes antigos povos fossem superiores na arte de edificar aos outros habitantes do mundo; não só pelas concepções serem as mais ousadas, pela exe-

cução de projectos os mais vastos, pela sabedoria e habilidade da sua construcção, como pelo luxo e magnificencia da sua decoracção. E muito mais veridicas são estas narrações sabendo nós que a philosophia, companheira das artes liberaes, teve a sua séde n'essa mesma Asia, muitos seculos antes de ter sido transferida para a Grecia. Quando reflectimos na remota antiguidade dos conhecimentos humanos d'essas primitivas nações e contemplamos os famosos monumentos que esses povos nos deixaram, não podemos duvidar do auge da sua civilisacção, reconhecemos a sua importancia social.

Uma grande parte da Asia nos apresenta, da mesma maneira que o Egypto, vastos subterraneos onde a architectura deve ter tido a sua origem; e que nos fará acreditar não serem estas excavações prodigiosas o resultado fortuito de quererem aproveitar as pedreiras para servirem aos seus templos; pois observando a maneira regular como foram cortados esses recintos e embelezados com todos os recursos da arte, e conforme o estylo e o gosto dominante da arte monumental d'essas regiões, nos convencemos de que era um trabalho executado especialmente para esse fim. Além d'isso os mais antigos subterraneos da India nos apresentam já esse gosto pelo maravilhoso, e a profusão dos ornatos que tanto caracterizam as artes n'aquelle paiz.

Cada povo, como ninguem ignora, imprime nas artes liberaes o seu espirito, os seus costumes, e o seu character. Sabe-se que desde tempos immemoriaes esta nação era sedentaria, fixa, e preza de algum modo pelo clima ardente, e sobre esse solo feliz nunca conheceram a ambição inquieta, que desfigura os povos, confunde uns com outros, multiplica-lhes as necessidades pelo luxo, transporta em um paiz os costumes e os gostos de um e outro, e por fim destróe em cada um o seu character proprio, e aquelle que devia imprimir nas suas artes liberaes!

Esta intelligencia asiatica tem sempre sido tão distincta do engenho dos outros povos, que nunca poude conformar-se com nenhuma outra, e reproduz-se da mesma maneira em todos os seus monumentos.

Os esforços que se notam nas grandiosas construcções da Asia, parecem ser menos o desejo de estabelecer a sua solidez, que o gosto do maravilhoso que domina em todas as obras d'este paiz. Foi esta invencivel inclinacção, que em todos os tempos dispoz os indios a preferir essas gigantescas fórmãs, mais assombrosas pela temeridade que agradaveis pelas suas proporções. A paciencia e a perseverança nas emprezas mais demoradas, e mais difficeis, é do character proprio dos habitantes da India.

Cousa nenhuma indica melhor o talento de dois

povos do que fazer a comparacção de seus monumentos. As pyramides do Egypto têm todas as suas superficies lizas, enquanto as que pertencem á India estão cobertas sobre todas as suas faces com ornamentos de baixos-relevos e figuras de todas as espécies. Brilham as pyramides do Egypto unicamente pelo esplendor dos marmores, e pela belleza de suas fórmãs; estão immoveis como as montanhas que as cercam, e parecendo pertencerem ao mesmo solo sobre que ellas se firmam: mas pelo contrario as pyramides do Chalebrom, apenas saem da superficie da terra, logo apparecem sobrecarregadas de detalhes, cheias de ornamentos minuciosos, desaparecendo a grandeza da construcção sob a pequenez das differentes partes que a dividem e diminuem.

Examinando nós os monumentos egypcios, é possível duvidar por um instante se são trabalhos executados machinalmente pelo homem, ou o resultado de uma intelligencia superior; porém, vendo aquelles da India, não hesitamos em pôr o instincto no lugar da intelligencia.

Nos primeiros contempla-se com admiracção o homem em todo o vigor e com toda a grandeza intellectual; enquanto que nos outros só se admira a pachorra industriosa de uma obediencia cega: portanto as artes monumentaes d'estes dois povos tem cada uma d'ellas um character particular distincto entre si, que não deixa nem confundil-as, nem encontrar n'uma a origem da outra; e o que já haviamos dito a este respeito, julgamos tel'o agora desenvolvido melhor, e convencerá de que a arte monumental da India é inteiramente opposta, tanto no gosto e nas suas proporções, como tambem nos detalhes, conforme vimos ter sido empregada nos monumentos do antigo Egypto.

Julgamos ser proveitoso fazer a comparacção entre a arte monumental d'estes dois povos os mais antigos da terra, antes de nos occuparmos de outra qualquer; pois a nossa memoria estando agora mais habilitada para fazer esse paralelo, pôde apreciar melhor o que se tem dito a este respeito, e o estudo que acabamos de fazer nos proporcionará os meios de fazer mais completa apreciacção sobre a architectura d'estes dois paizes; assim como facilitar-nos, pela analyse, a interpretação dos estylos da arte monumental dos povos das outras regiões, como sempre havemos procedido.

Consultando os monumentos antigos do Indostão, conhece-se o aperfeicoamento que este povo adquiriu na architectura durante a sua prolongada existencia social, porque as obras executadas na infancia de um povo, se conseguem conservarem-se em sociedade, ellas apresentam, quando se comparam com aquellas executadas nas edades posteriores, um character de simplicidade tão visiveis e mesmo

de ignorancia mystica, que indicam á apreciação dos conhecedores as provas positivas da sua anti-guidade.

Se os monumentos do antigo Egypto nos ministram poucos exemplos d'este genero, que possam servir de paralelo, o motivo é proveniente da extrema simplicidade dos typos e das formas da sua architectura; devido tambem aos preceitos religiosos que fixaram essas mesmas fórmas, obstando a outro genero de innovação, o que dificultaria egualmente toda a especie de aperfeiçoamento.

Todos os outros povos da antiguidade nos mostram uma progressão constante de sua sabedoria, industria, habilidade e gosto. Todavia pode-se affirmar que em todos os monumentos da India antiga não ha até ao presente nenhum meio seguro de estabelecer o gráo de sua remota antiguidade, pois que nos rochedos escavados não se encontram nem menos accessorios, nem menos singularidade de fórmas, assim como na prodigalidade de ornamentos caprichosos, como se observam nos monumentos isolados. Talvez mesmo as fórmas arbitarias d'esses ornatos sem fundamento sejam mais exageradas e evidentes nos templos subterraneos do que nos outros construidos sobre o solo.

Se pois a arte monumental da India, de mais recente data, nos mostra o mesmo gosto que a esculpida nos monumentos, dos quaes ignoramos a epoca, podemos suppôr que o mesmo estylo da sua architectura existia n'esse paiz nos tempos que precederam a conquista feita por Alexandre o Grande, e na epocha das primeiras communicações que esta região tão antigamente civilizada teve com os Gregos.

Sem duvida deve-se suppôr que os grandes monumentos de um povo, sob qualquer fórma que elle os executasse, não são, e não podem ser, senão o resultado de ensaios successivos e de muito longa pratica. E' preciso, pois, concordar que estes monumentos foram precedidos por outros menos grandiosos e menos surprehendentes, concluindo-se pela sua extraordinaria multiplicidade, que seria devida a uma pratica tão geralmente seguida em todo o Indostão que não podia ter a sua origem senão nos habitos particulares, que, em toda a parte, e em todo o genero, são o principio dos usos publicos.

As Bellas-Artes, na India, como no resto da Asia, nos comprovam evidentemente que nunca a imitação da natureza lhes deu origem; nem foi o seu intuito.

Qualquer povo que não comprehenda a necessidade de se conformar com as regras que existem na natureza, ignorará infallivelmente as artes de imitação, e tudo o que elle fizer terá por principio esse irregular no sentir, nascido de seu ignorante instincto, porque o gosto apurado é o resultado de um espirito cultivado.

Ora, em toda a parte onde o facho intelligente da natureza não guiou as artes de imitação, os homens trabalhando ao acaso, n'essas veredas numerosas da rotina e da imaginação privada das regras necessarias ao artista, será escusado querer descobrir a causa da falta de intelligencia, a qual não tendo seguido nenhum principio indicado pela razão e pela natureza, não podia apresentar nenhuma justificação da sua insufficiencia artistica.

Julgamos pois com fundamento, que as habitações subterraneas na India foram adequadas ao clima e á constituição geologica do paiz, o principio primitivo da arte de edificar. Quando comparamos as construcções isoladas tão exactamente modeladas sobre as obras debaixo do solo, tão semelhantes pelas suas proporções, formas e por todos os outros detalhes, aos trabalhos praticados no interior da rocha, somos obrigados a admittir, que as edificações subterraneas foram o typo e o modelo das outras construcções e por conseguinte estas devem ser de uma epocha posterior, isto é, na conformidade que sempre a copia é posterior ao seu original: e por esta fórma se acha explicada a origem da Arte monumental do Indostão.

Finalmente os monumentos da India nos fazem ver, que elles são obra de um povo muito antigo, que teve uma prolongada existencia politica e religiosa; elles certificam egualmente, que foram obra de um grande numero de gerações successivas. Reconhece-se comtudo n'elles a infancia e a perfeição da arte, da qual a sua decadencia veiu muito tarde, e muito tempo depois do apogêo da sua brilhante epocha. A passagem gradual da gruta subterranea para o templo isolado, e depois a pagode, nos faz suppôr, com fundamento, que fora preciso um exercicio continuado e infatigavel de intelligencia e pratica, e um trabalho constante para que a arte monumental do Indostão podesse produzir na architectura dos seus monumentos a justa admiração que elles nos causam pela sua caprichosa concepção e extraordinario trabalho.

No paiz dos Afaganistans existem umas outras construcções, a que os naturaes chamam = Popes = semelhantes a outras a que os chins dão o nome de Chá = isto é Torre; que vem a ser uma especie de tumulos.

Estes edificios de formas cylindricas terminam na parte superior por uma cupula espherica, sobre a qual, em outro tempo, havia 3 esferas de metal com uma outra maior no centro para lhes dar uma forma pyramidal. Geralmente estes tumulos estão collocados sobre uma collina facticia, levantada de proposito para este fim, e sempre occupam o centro d'um recinto quadrado. As paredes dos lados d'este quadrado correspondem aos pontos cardeaes; no interior ha por cima galerias e 3 salas para o uso

dos sacerdotes, e tambem para os guardas do monumento.

Em Manikyala, no reino de Caboul, ha uma extensa estrada com mais de 100 d'estes monumentos postos de cada um dos lados á maneira das estradas antigas na proximidade das cidades pertencentes aos romanos, tendo tumulos de um lado e d'outro; como foi descoberto nas escavações de Pompeia. Alem d'estes ha ainda mais quatro grandes grupos de Popes; sendo o mais notavel aquelle que existe em Manykya, sobre a margem Oriental da India, antigo rio que deu o seu nome á India. Este grandioso monumento tem 42,^m20 de alto, por 101,^m20 de circumferencia, está situado no meio d'uma planicie e é avistado na distancia de um kilometro. Esta collossal construcção assenta sobre largos degraus, a sua base é cylindrica: adorna-o na parte superior um frizo composto de pilastras salientes, cujos capiteis são cabeças de carneiros, acabando a extremidade superior em forma de torre, mas um tanto recolhida, servindo a parte mais elevada d'este segundo corpo de base a uma pequena cupula. Suppõe-se que estes tumulos pertencem a uma raça de principes Bactrianos descendentes de uma satrapia da antiga Persia, e que serviam ao mesmo tempo para ceremonias religiosas e funebres, sendo dedicados a Bouddha.

Ha ainda uma outra especie de tumulos de forma conica, que são os Dagobas; e constam d'um monte de terra coberta de um massame feito de tijolos ou de pedra; alguns d'elles tem 79,^m20 de elevação, e estão collocados entre arvoredos. O mais singular de todos é aquelle que fica proximo ao Templo de Mehanatéle, o qual tem na sua base um lago assombreado por grandes arvores e uma extraordinaria escadaria, com degraus de 4,^m84 de largo, os quaes tem tão pouca altura que sobem por elles cavalgadas. Este lanço conduz a outras escadas, em que se contam ao todo 752 degraus; da sua maior altura descobre-se com bastante surpresa um grandissimo espaço cheio de penedos de granito, intercalados completamente de coqueiros, a cuja sombra estão cobertos varios Dagobas: d'estes o maior tem 59,^m40 e se incluímos n'esta altura a elevação da escadaria, sobe a 330^m, acima da planicie. Os Dagobas tem no cimo um adorno de feilto de apagador quadrangular construido de tijolos; e se existem ainda hoje intactas as suas arestas, servem para demonstrar o grande esmero e perfeição que houve n'esta obra. Encontram-se n'este sitio para mais de 300 d'estes tumulos.

Os musulmanos e os magôres, actuaes possuidores d'este paiz, praticaram o mesmo que os christãos em outras partes; transformando o maior numero d'estes monumentos do paganismo em mesquitas; assim como os templos antigos de Roma foram apropriados para servirem de igrejas.

Pelo que fica dito se pode determinar de uma maneira certa, qual era o caracter da arte monumental do Indostão: seus monumentos distinguíam-se todos pelas suas formas quadradas; e se os seus tumulos não estão apparentes, todavia no lugar mais reservado existe a sala quadrada com figura emblematica: todas as suas construcções monumentaes são inteiriças, isto é, feitas de um jacto: os planos ainda que regulares nas suas subdivisões, eram adaptados á configuração do espaço que occupavam as montanhas, d'onde eram cortadas, e terminando sempre as suas fórmas em angulos rectos.

Os tectos eram horizontaes, e posto que existam alguns curvilíneos, feitos de uma só peça, isto é inteiriços, são estes d'uma epocha menos remota: os ornamentos e molduras eram de tanta variedade e profusão, assim no interior como na parte externa, que chegavam a cançar a vista.

A fórma pyramidal dos edificios isolados era a mais seguida, pelas rasões que já apontamos; os trabalhos d'esses monumentos costumavam ser dirigidos pelos sacerdotes; pois em todos os tempos, e em todos os paizes fizeram sempre monopolio dos conhecimentos para melhor dominarem os povos, conforme pediam os seus proprios interesses, exercendo sobre elles um poder illimitado; e por isso a conformidade que se nota nos monumentos do Indostão, não provém tanto do estylo rigorosamente seguido pelas suas diversas gerações, como principalmente pela dependencia e sabedoria, com que na execução d'estes trabalhos os povos estavam obrigados a obedecer aos sacerdotes; resultado analogo ao que teve lugar no antigo Egypto. Portanto a superioridade que as artes tiveram na India, assim como a admiração que nos causam os seus monumentos são devidas ao espirito religioso d'estes povos, que escrupulosamente conservam os mesmos usos e crenças, bem como pela cega obediencia ao poder religioso: sendo tambem procedida talvez da falta de relações com outras nações da terra, que teriam sem duvida, alterado as fórmas architectonicas primitivas d'estes monumentos.

(Continúa).

J. P. N. DA SILVA.

SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

Relíquias da a cãlectura militar, religiosa e civil
da idade media em Vianna

Vianna, foz do Lima, era nos primeiros seculos da monarchia um povoado de pescadores: a sua situação e as mercês concedidas no foral dado em 1258 por D. Affonso III, a tornaram dentro em pouco rica e nobre.

Vianna, ao pé do mar e cercada pelas ramificações da serra d'Arga, não tendo veigas onde sementasse cereaes, nem pascigos com que mantivesse alimarias, empregou as suas fazendas em náus, navios, barcos e armas, que eram os seus bens, e assim a sua riqueza andava totalmente arriscada no commercio, ao mesmo tempo que servia a patria, como o attestam o nome dos seus navegantes João Velho o Velho, João Alvares Fagundes, Alvaro Rodrigues de Tavora e muitos outros.

Uma povoação que apenas sahia da infancia nos fins da idade media e que empregava todos os seus esforços nos commetimentos maritimos, poucos edificios d'essa epoca nos devia legar.

Damos resumida noticia das raras e venerandas reliquias que esta cidade encerra, e que são dignos monumentos d'ella.

Aos favores e privilegios do foral correspondem os viannenses obrigando-se a levantar á sua custa os muros da nascente villa, bem como a defendel-a.

Exemplo singular na nossa historia!

Dos muros concluidos no reinado de D. Fernando, pelos annos de 1374, apenas um ou outro lanço de negra cantaria, em partes encaçada, d'onde sobresaem ainda as ponteagudas ameias de rijo granito, indica o recinto da fortificação da villa. Dez eram as torres, e cinco as portas: o circuito era pequeno, pois o seu perimetro mede 665 metros, affectando a forma elliptica. A altura do muro regula de 10,^m a 13,^m com a espessura de 2,^m20; cada lanço de muro entremedio de torre a torre ia de 50 a 100^m.

A muralha compunha-se de um muro de alvarnia revestido externamente de cantaria bem tramada, e de solida resistencia, como temos observado em varias demolições.

Desde 1791 que a sua pedra foi concedida para a obra do caes e calçadas da villa, porque a villa se estendera sobremaneira para fóra d'esses muros, e as edificações se agruparam de encontro a elles: á sanha demolidora escapou grande parte do muro, determinando expressamente um alvará de 1817 que se poupassem os lanços que serviam d'apoio ás casas.

Poucos annos haviam passado depois que entrara o seculo xv, quando a piedade vianneza resolveu levantar um templo digno padrão do culto.

Escolhido o assento e lançados os alicerces, appareceu um edificio amplo e magestoso, mas essa grandeza inicial seria a cauza de sua ruina, se o monarcha, ou antes o principe regente na menoridade de D. Affonso v, movido pelos rogos dos procuradores da villa, não concorresse com avultada dadiwa dos residuos das rendas do Concelho. Assim se concluiu o templo, embelezado o frontespicio com duas torres de cantaria, coroadas de ameias, tudo no estylo romano-bysantino da ultima epoca. A porta principal da igreja matriz abre se em archivoltas, sustentadas por atlantes que representam seis dos apóstolos; os cordões, fustes e filetes eram relocados a ouro, delineando os tres arcos distinctos: o central enlaça se entre vigorosos cachos e graciosa folhagem, avivados outr'ora com colorido ao natural; o interno está recortado de folhas de acantho, que correspondem no arco exterior aos anjos que mostram as insignias do martyrio do Salvador, que se ergue sobranceiro com os braços abertos. Junto aos anjos em adoração, na extremidade do arco mais saliente dous cherubins sustentam os rotulos: *Venite ad iudicium*; — *Surgete mortui*. Proximo dous anjos tocam as tubas para o juizo final. Varias misulas guarnecem os estribos, as de carrancas serviram de apoio a galilé ou alpendre que resguardava o portal.

Sobre o portico e no mesmo estylo dá luz ao corpo do edificio um largo oculo; renata a fachada um cordeiro paschal com a cruz vazia do centro.

A igreja está dividida em tres naves, e forma uma cruz latina de braços excessivamente alongados, apoiando as abobadas dez arcos, sendo oito de ogiva; bem abertas; este edificio mede de cumprimento desde a porta principal á parede que apoia o throno 43,^m0, e a largura das tres naves 16,^m8, dos quaes são 7,^m0 para a central.

O transepto tem de cumprimento tambem 43,^m0 e de largura 6,^m2.

Correspondem aos arcos outras tantas capellas de diversa architectura. Tendo havido um incendio na sachristia, a capella mór, que se lhe avisinhava, veio a arruinar-se, e por isso em 1695 o arcebispo D. José de Menezes principiou a reedifical-a, mas como fallecesse breve, concluiu a obra D. Rodrigo de Moura Telles, cujo brazão se vê na sachristia principal.

Grande parte dos ornatos da igreja foi devido á munificencia dos Filippes, que sempre distinguiram esta terra, a patria do dr. Pedro Barbosa e de seu

sobrinho Miguel de Vasconcellos, cedendo generosamente as sobras da siza para os melhoramentos locais.

Assim em 1619 foi arrematada a empreitada da conclusão interna da matriz, não só de carpinteiro e pedreiro, mas de serralheiro e pintor, como consta da escriptura publica de 22 d'agosto do dito anno. Os arcos foram guarnecidos de excellente talha, curiosamente dourada e os sórros do tecto e do côro de madeira de bordo, apainellados com rompantes e florões d'ouro nos fechos.

No templo não existia canto nem reconcavo que não estivesse coberto de finos azulejos, com os quaes se tinha dispendido em 1630 a quantia de réis 550\$000.

Tanta riqueza e magnificencia não poderam chegar a nossos dias, pois por um descuido, na noite de 19 de janeiro de 1806, o fogo lavrou ás armazões com que estava armada a igreja para a festividade de S. Sebastião, e em breve tomou taes proporções que foi impossivel dominar o, e as chamas irrompiam com tal violencia que mais parecia uma fomalha que incendio casual.

A capella do Sacramento, apesar de ter a sua preciosa talha assaz defumada ficou intacta, bem como a capella manuelina dos Camaridos, que estava murada, por interdicta.

Reduzida a cinzas a igreja, as suas paredes por muito tempo escalavradas, indicavam ao curioso a sua primitiva architectura.

Em 14 de fevereiro de 1831 foi dado principio á reedificação, aproveitando as paredes velhas que foram alteadas e as frestas rasgadas em janellas: em 22 de junho de 1832 cantava-se alli a primeira missa.

D antiga igreja poucos vestigios restam, mas esses mesmos cauzam ao vizitante desagradavel contraste com a actual nudez dos muros e rebocos modernos.

A capella do Sacramento, primitivamente dos Rochas, e por elles offerecida em 1562, foi totalmente reformada em 1564, fechando-a com um soberbo portico no estylo classico, que ainda hoje existe.

A capella que faz symetria com a antecedente, no topo da nave lateral, tem a invocação do Santo Crucifixo, foi da casa dos Fagundes, cujo brazão ostenta, passando por Souzas á familia Bretiandos.

Aqui jaz em sepultura alta e com figura ao natural João de Souza Magalhães, casado com D. Violante Fagundes, filho do instituidor da capella, João Alvares Fagundes, o famoso descobridor do Banco da Terra Nova, na America.

As outras capellas nada de notavel offerecem, a não ser a do transepto, chamada de S. Bernardo, mandada fazer em 1547 por Fernão Brandão e sua mulher Catherina Fagundes.

A pia de agua benta com seus lavores e brazão custou á Camara, no anno de 1570, a quantia de 115 réis.

N'estes ultimos annos como a torre do sul e os estribos da fachada estivessem arruinados, a Junta de Parochia cuidou da sua reparação, mas com tão infeliz plano, que em vez de limpar e calçar a cantaria, não só picaram totalmente a pedra, apagando lhe os signaes architectonicos, mas até substituíram grande parte da cantaria por outra nova, e para que tão estupendo acontecimento ficasse registrado, mandaram embutir na torre uma lapide com a data de 1875!

O hospital velho, extinto albergue de peregrinos, é um edificio acanhado, que deve a sua instituição a João Paes o Velho no anno de 1468, como consta da lapide que fecha o arco da porta da entrada. Este hospicio, hoje abandonado pela abolição dos vinculos, compõe-se de um pequeno claustro com varandas de pedra, apoiadas sobre pilares grosseiramente lavrados; nada offerece de notavel senão a sua antiguidade.

Debaixo do nicho da porta da entrada está um escudo d'armas com os appellidos Rochas e Portocarreiros, que julgamos ser do primeiro administrador Francisco da Rocha Paes.

Proximo á capella dos Marcantes, na Matriz, encontra-se, como que escondida das vistas, uma casa antiquissima, que pelo brazão que apresenta, a reputamos ter sido de João Velho o Velho, legendario procurador d'este concelho no reinado de D. Afonso v, vedor da fazenda do duque D. Fernando, que pelos serviços que prestou indo em 1491 á descoberta do Congo, lhe concedeu el-rei armas especiaes: em campo vermelho cinco cruces de ouro, e em chefe azul meio leão de ouro armado de vermelho, com dous ethiopes nus sustentando o escudo nas mãos.

O edificio é um magnifico exemplar da architectura civil da idade media: a parte mais notavel consta de um corpo saliente de um só andar, sustentado lateralmente por arcos de ogiva muito fechada e sem apoio, e na frente se abre um sara-panel, com pilares acanhados.

No primeiro andar ha duas janellas de cruzetas de cantaria, o que lhe dá apparencia de quatro janellas cada uma.

O escudo está sobre o fecho do arco do frontespicio, e é hexagonal, de trabalho grosseiro, principalmente os elbiopes e o leão do chefe do campo.

Aos lados do brazão veem-se duas misulas, de esculptura um pouco mais aperfeçoada que a restante, representando dous bustos, um de homem de cabellos curtos coberto com barrete alto, e outro de mulher com cabellos sobre os hombros e barrete baixo.

Foi João Velho o Velho que em novembro de 1502 recebeu em Vianna o Venturoso Rei D. Manuel, e é tradição que se hospedara n'esta casa.

Na parede da capella proxima, sob a lapide dos Marianes está um outro escudo igual ao mencionado, mas com as cargas picadas, e apenas perceptíveis, com indicação de ter legenda em duas linhas inferiores; disseram-nos ter pretendido á casa da sachristia dos Mareantes, que fica a partir com a de João Velho, e é provavel que tambem fosse d'elle.

Vianna 1 de fevereiro de 1883.

O Socio

LUIZ DE FIGUEIREDO DA GUERRA,

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA N.º 45

Publicamos com este numero uma photographia, que representa o saimento e as exequias d'el-rei D. Manuel, seguindo o prestito desde o Paço Real da Ribeira em direcção á igreja monumental do mosteiro dos Jeronymos em Belem.

Esta estampa, a maior raridade artistica do nosso paiz, por ser a unica que se conservou d'este acontecimento historico do xvi seculo, é uma gravura (posto que em pequenissimo formato), da qual el-rei o sr. D. Fernando possui o original. Concedeu nos Sua Magestade a honra de podermos reproduzil-a afim de dar maior apreço á publicação artistica e archeologica do Bolelim, e mui principalmente para demonstrar mais uma vez a magnanima protecção com que sempre se tem dignado honrar e distinguir a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.

A representação d'este real saimento, além da sua importancia historica, offerece-nos o subido valor archeologico de nos ter conservado tambem a configuração da primitiva capella-mór da igreja conventual de Belem, na qual não apparece a ordenação architectonica da Renascença, na reedificação ordenada pela rainha D. Catharina: notando-se que no fundo d'esta capella-mór havia então vidraças pintadas em toda a altura do Templo, as quaes tinham tres divisões, como se vê representado por cima do grandissimo estandarte real enlutado, que veda o sacrario sobre o altar-mór.

Além da importante parte architectural d'este memoravel edificio, ainda esta preciosa gravura nos conservou igualmente, qual era a configuração das janellas do andar nobre do palacio real da Ribeira, como se vê representado no espaço que separa a nave da igreja e uma viella situada no lado direito do dito palacio; cuja decoração é semelhante ás janellas construidas no palacio de Cintra na sala

dos cysnes, assim como se vê tambem indicado, ao lado esquerdo da photographia o *passadiço*, que ligava o palacio real com a parte augmentada pelo lado do oeste da Praça até á margem do Tejo, tendo em relevo, na parte inferior do arco, o escudo real no centro de duas espheras.

Este palacio formava dois lados do antigo Largo da *Tanoaria*, no sitio hoje occupado pelo Largo do Pelourinho. D. Manuel mandou fazer uma grande Praça n'este local para construir uma vasta e sumptuosa residencia, a qual comprehendia a parte da actual praça do Commercio, onde presentemente está o edificio occupado pela secretaria do Reino e da Justiça; augmentada ainda depois com um outro corpo sobre o lado occidental d'esta praça. Foi n'este palacio que falleceu o rei em 13 de dezembro de 1521, ás 8 horas da noite, e ás 3 horas da mesma noite levaram o corpo para a igreja de Nossa Senhora de Belem.

Na letra capital, do principio do psalmo, vê se, no espaço interno, o sacerdote encommendo o fallecido rei.

Passando a descrever o passamento do rei afortunado, e a maneira como foi conduzido de Lisboa para Belem, conforme o que a historia registou, e a estampa mostra a marcha do prestito, dará mais interesse examinar-se este singular ceremonial.

Primeiramente nota-se que o saimento partiu pelo lado oeste do palacio e que a rua era em declive, pois o ataúde apparece inclinado por baixo da citada janella, a unica que se vê do palacio real, para vir depois o cortejo passar pelo Terreiro do Paço (Praça actual do Commercio), pela ordem seguinte: na frente iam frades de S. Jeronymo a cavallo com tochas, formando duas alas; após uma azemola levando o ataúde coberto com panno preto que arrastava pelo chão, sendo conduzida pelo estribeiro-mór, vestido de capa preta e gôrro da mesma côr; os clérigos e capellães a pé formavam alas; vindo atraz do ataúde os freis de Christo a cavallo, e depois d'elles toda a côrte a pé com tochas, sendo ao todo 600 luzes. Seguia se um official do Senado, que gritava tres vezes de tempo a tempo: Ouvi! Ouvi! Ouvi! O alferes-mór a cavallo, coberto de *raso*, levando uma bandeira preta com o brasão real em uma haste derrubada sobre o hombro, de maneira que as pontas lhe arrastavam pelo chão, dizia: *Chorae nobres, chorae povo, que morreu o muito alto e poderoso Rei o Senhor Dom Manuel, que nos governou com justiça e amor de pae.* O vereador mais velho, que levá á cabeça o escudo real, repete estas palavras que são lidas pela pessoa que tem um papel na mão; e quando conclue, elle atira ao chão o escudo que se quebra. Atraz do alferes, veem tres juizes da cidade com varas pretas, em linha, e a pé.

DA
REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS
E
ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES



ESTAMPA 43

Saímento e exequias d'El-Rei D. Manuel
NA
Egreja do Convento dos Jeronimos em Belem

Quando o prestito chegou á porta da igreja de Belem, os grandes senhores tiraram o ataude de cima da azemola, e entregando-o aos frades, estes com grandes lamentações, transportaram até á cova, e os fidalgos tomaram enxadas com suas mãos e o enterraram com grande solemnidade em sepultura rasa no meio da capella-mór.

A gravura apresenta o apparatuso acto das exequias, estando o catafalco erguido no centro da nave principal, coberto de alto a baixo de preto com a cruz em aspa, e ladeado pelos tres lados com tocheiros postos em dois renques; na parte superior, do lado do cruzeiro apparece uma elevada cruz, e sobre a ilharga um pulpito portatil para o pregador recitar o panegyrico do finado soberano; e os frades sentados, postos em dois renques, occupam egualmente os tres lados da eça.

O cruzeiro estava occupado pelos grandes do reino e côrte; ficando reservada a capella-mór para os officios religiosos do estylo.

As paredes da nave estão cobertas de pannos pretos até ao peitoril das janellas, vendo-se pendentes do cimo d'ellas em todo o prolongamento da mesma nave grandes estandartes pretos com os escudos reaes.

Na capella-mór ficaram as paredes nuas, tendo sómente sobre o altar o grande estandarte formando espaldar.

Pelo predio que forma cunhal, situado do lado direito, com a Viella, vê-se como eram então fechadas as janellas: tinham uma especie de alpendre suspenso pela parte xterna, *adufa*, que tambem servia para evitar o ardor do sol e resguardar da chuva.

Será sem duvida bem accete pelos architectos, archeologos, e illustrados amadores de antiguidades patrias esta estampa, que nos dá tão instructivas relações, as quaes se julgavam perdidas para a historia artistica e monographia d'este successo.

A rua Nova d'El-Rei, para a qual tinha o palacio real da Ribeira uma frente lateral, era a melhor de todas da cidade n'aquella epoca, sendo bastante larga no seu principio, indo estreitando para o lado opposto, além de ser muito extensa.

As casas que a guarneciam eram compostas de muitos andares; as lojas mettidas dentro de arcadas, onde se encontrava á venda grande variedade de fazendas, sedas, veludos e bordados; assim como escolhida louça da India, tudo de grande valor, davam um aspecto vistoso a essas edificações, como mostra a rua representada sobre o lado direito da photographia. Os moradores eram tantos que os in-

clinos não se conheciam uns aos outros, conforme deixou escripto o Padre Duarte de Sande.

Apparece tambem ao fundo d'esta rua, sobre o lado esquerdo, duas altas torres pertencentes á igreja da Sé: sendo tambem uma parte muito interessante d'esta estampa, pois nos faz conhecer qual era a antiga construcção d'esta rua, na qual igualmente está indicado, ao meio d'ella, a valeta para dar vasão ás aguas da chuva para o Tejo: portanto, o artista que compoz esta tão curiosa vista, que infelizmente ficou ignorado o seu nome, soube reunir a representação dos mais importantes edificios da cidade que estavam proximos do palacio da Ribeira; devendo-lhe possuirmos um fiel quadro, não sómente no que diz respeito ao Terreiro ao Paço, como ao saimento e exequias d'el-rei D. Manuel no celebre monumento de Belem.

J. P. N. S.

Parecer apresentado pela «Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes» acerca das publicações da obra artistica «Portugal Antigo e Moderno, 1883».

Os monumentos são verdadeiros livros de pedra, onde está escripta com eloquencia e exactidão a historia das nações civilizadas.

Como padrões historicos attestam a nobreza de uma remota origem, ou feitos gloriosos, que demonstram o seu valor nos campos de batalha, ou actos de heroicidade e de abnegação, que comprovam o seu acrisolado amor da patria e da liberdade, ou empresas audaciosas, que as acreditam como poderosas cooperadoras dos progressos da humanidade ou enfim de milhares d'exemplos de virtudes civicas.

Como padrões artisticos são testemunhas authenticas dos seus nobres esforços para se polirem e aperfeçoarem, revelando os passos mais ou menos largos e firmes, que deram no caminho da civilisação.

Os monumentos de Portugal fallam de todas essas proezas e factos que nobilitam e exaltam os povos.

Mas que importa, para nossa honra e gloria, que elles assim fallem, e bem alto, se as suas vozes não soam além das fronteiras d'este reino? De que vale o seu testemunho, onde não são conhecidos, e onde cahiram em quasi completo esquecimento os nobilissimos feitos, que lhe deram origem?

Infelizmente nem nos podemos queixar d'esse olvido, pois que é nossa toda a culpa. As outras nações apreciando devidamente os seus monumentos, e estudando com intelligente e zelosa investigação a historia e a physionomia de cada um, tem reunido e publicado esses estudos em obras magni-

ficas, em grande formato, illustradas de excellentes gravuras e de chromos formosissimos.

Não se presume, que tão dispendiosas publicações sómente se fazem no seio das nações, cujas fontes naturaes de riqueza se acham em perfeito estado de exploração. A nossa visinha Hespanha ainda ha pouco tão agitada pelas discordias intestinas, e cujos recursos naturaes estão em grande parte por explorar, luctando com tantas difficuldades financeiras, está publicando o seu Museu d'Antiguidades, soberbo repositório *in folio* de estudos historicos, archeologicos e artisticos, acompanhados de grande quantidade de gravuras primorosas e de formosissimos chromos. É uma edição de inexcitivel nitidez, que vae já no XI volume.

Estes livros correm ao presente por toda a Europa, póde dizer-se triumphantemente, porque são recebidos em toda a parte com admiração e applauso. Todas as bibliothecas de uma certa importancia, publicas, e particulares, apressaram-se, mal appareceu á luz esta obra, a enriquecer as suas colleções com tão preciosos livros.

Não é necessario, portanto, ir a Hespanha para conhecer as feições dos seus monumentos, e para saber a sua significação historica e artistica.

E graças a esses monumentos assim fallantes por todo o mundo, ninguém ignora, medianamente illustrado, que a Hespanha, apesar de decahida da grandeza, opulencia e poderio, a que chegou sob o sceptro de Carlos V e de Filipe II, é uma grande nação, que possui muitos monumentos sumptuosos, ricos d'arte e de memorias historicas.

Todas estas considerações nos levam, portanto, a reconhecer a importancia e a applaudir sinceramente a obra projectada — Portugal Antigo e Moderno — cujo programma foi apresentado a esta Real Associação em sessão da Assembléa Geral, para esta dar o seu parecer.

O projecto é vasto e grandioso; tal como oppdem a importancia dos nossos monumentos, a natureza de semelhantes estudos, as recordações gloriosas dos tempos heroicos de Portugal, e as affirmações dos seus progressos modernos.

Esta Associação que tanto tem lidado pela conservação dos monumentos nacionaes, não pode deixar de congratular se com a Empreza, que promete dotar o paiz com uma obra de tão alto interesse publico, e que vae preencher na litteratura portugueza uma lacuna vergonhosa, indo mostrar aos estrangeiros, que nos desconhecem, e que desdenham de nós, que n'este canto da Europa brilharam as armas, que engrandecem os povos, floresceram os genios que fundam imperios, e que abrem novas vias á civilisação, e que tem n'elle resplandecido as letras e as artes e a industria das nações cultas.

O arrojado editor, que soube adquirir celebridade

commemorando o terceiro centenario de Camões com a sua famosa edição dos *Lusiadas*, assegura-nos que não poupará esforços para se desempenhar dignamente do seu novo commettimento. E os trabalhos conhecidos do distincto escriptor, que vae dirigir aquella publicação, sendo penhores da sua intelligencia e do seu amor do estudo, affiançam-nos que saberá corresponder, na parte litteraria, á riqueza e primores da parte typographica e artistica.

Por todas as razões expostas a Real Associação dos Architectos Civis e dos Archeologos Portuguezes approva e louva o pensamento da obra e o seu programma, e honrando-se muito em se contar em o numero dos seus subscriptores, faz sinceros votos para que tão esclarecida e patriotica empreza encontre em os nossos cidadãos e nos poderes publicos o auxilio a que tem direito, e sem o qual nenhuma obra d'esta ordem pode ir para diante.

Lisboa, sala da Real Associação dos Architectos Civis e dos Archeologos Portuguezes, 14 de Fevereiro de 1883.

RELATOR

Ignacio de Villena Barbosa.

Approvado pela Assembléa Geral.

PRESIDENTE

Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

SECRETARIOS

Valentim José Correia.

José de Saldanha Oliveira e Sousa.

Portugal Antigo e Moderno

Paisagem — usos e costumes — arte e industria. Texto de Joaquim de Vasconcellos, socio correspondente do Instituto imperial germanico de archeologia; socio correspondente da Real academia de bellas-artes de Madrid;

Socio correspondente da Sociedade de geographia de Lisboa; socio effectivo e laureado da Real associação dos architectos e archeologos portuguezes; academico honorario do Real instituto naval de Florença socio fundador da Geellschaft für musikforschung de Berlim, etc. etc.

Phototypias inalteraveis de Emilio Biel e Comp.^a editores Porto.

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

III.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Hoje, que as novas vias de communição accelera-la estão abrindo ao progresso nacional largas estradas atravez de provincias até hoje qua-i desconhecidas, como a Beira, Douro e Traz-os-Montes, em que a linha do sul avança para o Algarve e a do norte nos vai ligar com a provincia da Galliza, á qual nos prendem tantas tradições, é necessario, é urgente que a historia e a critica acompanhem o viajante, illuminando-lhe o caminho, fazendo fallar os monumentos que encontra no seu roteiro, e muitos dos quaes em breves annos, talvez não sejam mais do que montões de ruinas, se não houver uma penna que recorde a sua significação e uma arte que fixe a sua imagem.

A locomotiva, que corta os valles e perfura os montes, não respeita sempre as reliquias do passado. O movimento febril que ella produz, uma vez lançada na carreira, porque o va-

por não lhe basta, e adiante do silvo penetrante manda a farsca electrica a annunciar a sua chegada — a pulsação febril que ella excita, o jubilo do momento faz esquecer muitas vezes o que devemos a um passado cheio de gloriosas tradições, e dão-se então as reliquias, mais preciosas, de barato por uma esperança de futura prosperidade, sem se attender ao valor ideal que a sciencia só pôde e sabe determinar.

Assim se gastam e se perdem, assim se tem gastado e perdido tantos documentos de marmore e de granito, que pareciam dever durar mais do que os pergaminhos dos archivos, e que, á falta d'estes, completavam as memorias da nossa vida nacional. Ao lado da historia, deplora a arte tanto abandono, tão pouco respeito por essas reliquias com as quaes deviamos ensinar ás gerações vindouras o amor, o respeito, a veneração pela memoria de nossos paes.

Querer supprimir esse ensino serio é cortar uma arteria do nosso organismo nacional, seria semear a ingratição. Querer substituir o que estamos destruindo, seria uma louca empresa, porque já não temos o ouro das Indias, nem os diamantes do Brazil; porque já não temos o enthusiasmo e o fervor dos antigos portuguezes pelas ideias empresas, e porque os meios se applicam hoje a outros committimentos que preparam o futuro.

É justo é indispensavel que se attenda a esses destinos que nos esperam, mas respeitemos o passado ao menos na sua mais alta expressão, no monumento, na arte!

Esses mesmos caninhos que rasgam violentamente os seios das nossas provincias; esses instrumentos que suprimem quasi as distancias podem contribuir, quando bem dirigidos, para a conservação d'essas reliquias.

O homem de sciencia irá estudal-as, a industria vulgarisar-á esses estudos, a consciencia nacional acordará do lethargo, e o estrangeiro, chamado pela locomotiva, não sahirá do reino sem pagar o tributo de respeito e de sympathia, que a nossa historia sempre inspirou a quem a leu, quanto mais a quem a sentiu palpitante debaixo dos pés e a viu laureada nos nossos monumentos.

Um povo que não respeita os monumentos da sua historia não ensinará o respeito a ninguem, o respeito da sua individualidade, da sua independencia.

Hoje que as principaes nações da Europa, incluindo a vizinha Hespanha (apesar das ultimas guerras) não só fundam publicações mumentaes para o estudo da arte nacional,¹ mas criam órgãos para o estudo de cada provincia, de cada cidade até não raras vezes de monumentos isolados, que pela sua importancia excepcional merecem as honras de um estudo monographico — Portugal não tem uma publicação de caracter geral, não tem uma idéa da sua propria physiognomia, não fez sequer o primeiro reconhecimento, o mais pequeno inventario poderia ser a melhor garantia para a conservação das obras d'arte, um meio seguro de obstar a sua alienação por um prato de lentilhas, como temos visto!

Portugal não tem uma idéa da sua propria physiognomia, dissemos e com isto não aludimos só á arte, que é uma face d'ella, uma das mais caracteristicas, sem duvida, porque não se transforma senão em longos periodos historicos, uma das mais valiosas, porque não se pôde substituir, quando ablitada; alludimos á industria que andou sempre alliada á arte, quando quiz viver florescente, estimada, requestada pelo commercio, que só quando a viu formosa a quiz servir e fazer tributaria da prosperidade nacional, levando-a, como honra suprema, ao proprio lugar onde a arte renascera da antiguidade.²

A ceramica portugueza, a nossa ourivesaria, as nossas illuminuras, os nossos moveis e estofos, os bordados e as rendas, os «mimos de Portugal,» de que fallam com equal louvor nacionaes e estranhos, foram enriquecer as collecções da Europa,

Ninguem as reivindica como nossos, porque nos faltam os documentos comprovativos, porque nos faltam os documentos comprovativos, porque o pequeno nucleo de objectos similares

¹ Citaremos com relação ao vizinho reino só os monumentos architectonicos de España e o Museu Español de Antiguidades; o Inventario geral das riquezas artisticas da França, ordenado pelo governo francez; o Inventario especial ordenado pelo Municipio de Paris; o Jahrbuch der Hgl. preuss. Hunstsammlungen, ordenado pelo governo prussiano, etc. etc.

² Allude-se aos presentes enviados por D. Manuel a Leão x em duas embaixadas.

que ainda temos não podem servir para a demonstração, enterrados como estão em edificios publicos e particulares, onde ninguem suspeita a sua existencia. Trazer á luz esses objectos, esses documentos dispersos dentro e fóra do paiz, é um dos pontos do nosso programma e para esse fim estamos habilitadas com um inventario que é o fructo de repetidas viagens pelo paiz, e de repetidas e muito mais longas viagens pelo estrangeiro durante mais de dez annos.

Assim, com as reliquias das tres grandes artes e das artes industriaes poderemos povoar de novo as cathedraes solitarias, os mosteiros seculares, os palacios desertos, reconstruir a vida das gerações passadas, como nol-o ensinou um grande artista que era, ao mesmo tempo, um granpe sabio.¹

E como o homem, que contempla o passado estuda uma das feições do seu caracter transformado com o correr dos seculos, e procura naturalmente a relação com o presente, reuniremos o que o nosso seculo produzir de melhor até hoje, na arte e na industria.

Assim veremos o que ha e o que falta para recuperarmos a posição antiga.

E por ultimo consideraremos o proprio homem e a natureza que o rodeia, os typos tão caracteristicos das nossas provincias, d'onde sahiu o nauta do seculo xv e xvi, o rude mosqueteiro do seculo xvii o garrilheiro da independencia, d'onde sae a energia, a vida paciente, de costumes sobrios, que nos sustenta, e que chega ainda para a alimentar um vasto imperio d'além-mar.

Não devemos menos á natureza. Do nosso sólo, da paisagem, que nos rodeia, é necessario fallar. Desde Sá de Miranda até Byron, todos os poetas nacionaes a cantaram, e entre os estrangeiros alguns dos maiores. E, no entanto, só uma minima parte do paiz foi devidamente estudada sobre o ponto de vista pittoresco. Parece não se haver ainda comprehendido que a paisagem é o quadro em que o monumento se produz; que a aldeia, a villa e a cidade recebem da paisagem um reflexo caracteristico para a sua physiognomia externa e interna, mas que nem por isso se deve confundir n'uma publicação illustrada os dois pontos de vista n'uma unica pagina, e desconhecer os limites de expressão de cada um.

Para procedermos pois racionalmente n'esta parte e attender a esta dupla exigencia, que é uma das muitas que esta empreza envolve, teremos de multiplicar as folhas d'esta publicação monumental.

Não recuaremos porém diante de nenhum sacrificio para apresentar um trabalho que seja digno de nós e do paiz e da protecção que esperamos alcançar da alta sabedoria do governo de Sua Magestade Fidelissima.

Porto, junho de 1884.

Plano provisório da publicação

A obra constará de 800 phototypias inalteraveis, distribuidas em 208 entregas semanaes, devendo a collecção estar completa em 4 annos, formando 8 volumes in-fol.

As ultimas 8 entregas (n.º 201-208), a 16 pag. in-fol. cada uma, devem conter uma historia geral da arte portugueza, incluindo as artes industriaes, com um indice topographico (de localidades), um indice onomastico (nomes proprios de artistas) e um indice de materiaes.

Além d'isso cada photographia será acompanhada d'uma pagina de texto explicativo, com as necessarias indicações historicas, artisticas, industriaes, ethnographicas etc., conforme o assumpto representado.

Distribuição aproximada da collecção.

A) Por materiaes

a) Architectura e escultura.....	300	numeros
b) Pintura.....	100	"
c) Artes industriaes.....	200	"
d) Paisagem; typos nacionaes.....	200	"
	800	

¹ Vide os trabalhos de reconstrucção historica de Viollet-le-Duc com relação á França, de Scherr (Germania), de Falke, etc. A realisação pratica de alguns dos planos d'estes escriptores nos Museus de Cluny (Paris), de Selzburg (Austria), no Bayerisches National Museum (Munich), etc.

B) Por provincia	
Minho e Douro.....	200 »
Traz-os-Montes.....	50 »
Beira Alta e Baixa.....	150 »
Extremadura.....	240 »
Alemtejo.....	80 »
Algarve.....	80 »
	800

Publicamos em seguida a comunicação que o sr. Possidonio da Silva fez ao Congresso internacional dos archeologos em Lisboa, no anno de 1880. Ahamol-a de grande interesse, tanto mais, que foi confirmada a opinião do archeologo portuguez de ter sido uma industria do solo da Lusitania o typo especial dos machados de bronze prehistoricos descobertos em Portugal. O insigne sabio o professor Monsieur Gabriel De Mortillet, publicando em 1882, na sua obra *Musée Préhistorique* fig. 687, a copia de um dos exemplares d'esses instrumentos que foram apresentados n'este Congresso pelo sr. Possidonio, e estão presentemente expostos no museu de archeologia da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes no largo do Carmo em Lisboa; declarou achar-se sómente em Portugal e Hespanha ¹ machados de bronze d'aquelle typo, posto que na sessão do mesmo Congresso se tivesse mostrado pouco propenso a concordar com a opinião exposta.

CONGRÈS

D'ANTHROPOLOGIE ET D'ARCHÉOLOGIE PRÉHISTRIQUE

A LISBONNE 1880

Quelques considérations sur les haches de bronze trouvées en Portugal

PAR

LE CHEVALIER J. DA SILVA

Membre du congrès, dans la Séance du 22 septembre

On suppose généralement que la Péninsule Ibérique n'a pas connu l'âge du bronze, et cette hypothèse a sa raison d'être, puisque, jusqu'à présent, on n'a trouvé ni en Espagne ni en Portugal aucun atelier ou station de cette industrie. Le très petit nombre d'instruments de métal découverts dans ces deux pays fait croire que l'usage en était fort restreint; peut-être même qu'il n'y a pas eu dans la Péninsule Ibérique une époque de transition entre l'âge néolithique et l'âge du fer, comme cela est arrivé en Norvège, où il semble que l'usage du bronze n'a

¹ O sr. Possidonio perguntou ao distincto archeologo hespanhol, o sr. Dom Delgado da Roda, se no seu paiz possuia, ou tinha descoberto machados pelo typo a que se refere a comunicação, e enviou-lhe uma estampa com a representação d'elles. O sabio hespanhol respondeu: que não lhe constava que se tivesse descoberto em Hespanha, nem que se possuísse nos museus exemplar egual.

pas existé, puisque dans les *tumuli* fouillés on n'a trouvé aucune trace d'instruments de métal.

Cependant, il est bon de dire, que dans les dolmens découverts en Portugal sur le territoire de la province d'*Alemtejo*, on a trouvé quelques haches de bronze du type le plus primitif, et en tout semblables à celles qu'on a recueillies en France dans le Jura, ainsi qu'en Grèce. Ces instruments avaient peut-être été apportés dans la Péninsule par quelques tribus qui sont venues y séjourner. Mais on ne peut pas faire la même supposition pour les haches de bronze à *deux anses* découvertes dans les provinces de l'*Extremadura*, du *Minho* et de la *Beira-Alta*. Ces instruments sont d'un type essentiellement distinct de tous ceux rencontrés jusqu'ici dans les autres contrées de l'Europe, et cela donnerait à penser qu'ils seraient le produit d'une industrie péninsulaire. Et en effet, s'ils n'étaient qu'une imitation des instruments en usage chez les autres populations préhistoriques, comment se ferait-il que dans les nombreuses fouilles faites dans tous les pays, on n'eut pas trouvé de semblables? Les haches à *deux anses* que possèdent les musées d'archéologie d'Europe — et elles sont en très-petit nombre — ne sont pas d'une aussi grande dimension que les nôtres, leur forme n'est pas la même, et de plus elles n'ont pas le *talon plein*.

La hache découverte à *Abrigada*, dans la province de l'*Extremadura*, a la douille carrée, et *deux anneaux* sur le bord de cette douille, son tranchant est large et sa longueur est de 0,15°.

Parmi les haches trouvées à *Rodriz*, dans le *Minho*, il en est une dont la douille est ronde et fort large, et l'autre dont le tranchant est très développé, avec le *talon plein*; elles possèdent *deux anneaux* et leur longueur est de 0,18° et de 0,24°.

Celles qui ont été recueillies à *Ferreira d'Aves*, dans la *Beira-Alta*, au nombre de 19. Quelques unes d'entre elles étaient déjà brisées, d'autres usées, mais toutes avec *deux anses*. Ces instruments sont les plus grands connus jusqu'à ce jour, car ils mesurent 0,26° de longueur.

La forme essentiellement caractéristique de ces instruments de bronze dans ce pays, me fait supposer qu'il y a eu une industrie locale de ce genre en Portugal. Sa durée n'a peut-être pas été très longue, parce que l'usage du fer apporté par les Romains a fait abandonner l'usage du bronze, mais enfin tout porte à croire qu'elle a existé.

Il ne m'appartient pas de rechercher les origines du bronze; les Maîtres de la Science ici présents sont plus compétents que moi pour résoudre cette question difficile et obscure; je n'ai d'autre but que d'appeler l'attention des Membres du Congrès sur ce fait remarquable, que les haches préhistoriques trouvées dernièrement en Portugal sont uniques dans

leur genre. Puisqu'on a découvert sur notre sol des instruments de bronze d'un type spécial, tout à fait différents de ceux qu'on rencontre dans les autres régions, comment pourrait-on expliquer que l'industrie des haches à *deux anses* ne serait pas née chez-nous? Quoi qu'on ait trouvé dans nos dolmens des bronzes aux formes primitives, admettons que des fondeurs nomades aient importé en Portugal le type nouveau, ou qu'il ait été fourni aux populations néolithiques de la Péninsule Lusitanienne par des voyageurs de cette époque reculée. Mais alors, comment se fait-il, que dans les autres contrées de l'Europe qui devaient être fréquentées par ces mêmes nomades, on ne retrouve pas des haches semblables au type dont nous nous occupons?

Il est donc plus que probable, que ces industriels voyageurs ont amené un développement de l'industrie du bronze chez-nous, et qu'un type spécial est né de ce développement.

Quoique les investigations archéologiques soient faites en Portugal cette année avec un peu plus d'activité que par le passé, les recherches ne sont encore, il faut le dire, qu'à l'état de commencement. Il faut espérer qu'en poursuivant les fouilles avec persévérance et en divers endroits du pays, on trouvera des instruments de l'âge du bronze qui pourront nous éclairer plus nettement sur le sujet que je sou mets à la critique des Membres du Congrès. Peut-être arriverons-nous alors à la conviction certaine que l'industrie typique des haches à *deux anses* avait été fondée sur notre sol, en imitant, il est vrai, la forme générale de ces instruments, mais aussi en altérant leurs dimensions, en les garnissant de *deux anneaux*, et en leur laissant le *talon plein*. Et ces modifications, en outre d'une forme caractéristique, marquent une provenance distincte de notre contrée, un type nouveau adopté sans doute parce que son usage en avait été reconnu plus commode.

On n'a pas retrouvé d'anciens moules de pierre ou de terre cuite qui puissent prouver l'existence d'une fonderie; mais, tout le monde sait, que les moules de ce genre ne sont pas indispensables pour couler le bronze.

Si on compare les haches qui ont été découvertes dans le Nord ou le centre de l'Europe et même celles qu'on a trouvées dans les autres régions, avec celles qui ont été recueillies en Portugal, on voit de suite que les formes et les dimensions des premières sont différentes des secondes. Ainsi au musée de Dublin on trouve des spécimens de ces instruments à formes courtes avec une douille ronde et *un seul anneau*, ayant tout au plus 0,9 centimètres de longueur. Les haches préhistoriques du musée de Stockholm ont à peu près la même forme, à *une seule anse*, mais avec un bourrelet autour de la douille; leur longueur est de 0,10^e à 0,11 centimètres.

— En Allemagne et au Danemark, on trouve des formes analogues à celles qu'on rencontre en France, c'est-à-dire avec une douille ronde un peu profonde et un tranchant très développé, mais toujours avec *un seul anneau*, et d'une longueur qui varie de 15 à 17 centimètres.

Celles du musée de Genève, qui ont été découvertes dans le lac Léman et dans le lac de Neuchâtel, ressemblent aux haches trouvées dans le Jura, avec cette légère différence que la douille ronde arrive presque jusqu'au tranchant; elles n'ont qu'*une seule anse*, et leur longueur ne dépasse pas 19 centimètres.

Dans les *palafittes* du lac du Bourget, on a trouvé des haches qui ne sont ni complètement circulaires ni exactement carrées, mais toujours avec *un seul anneau* et d'une longueur de 18 centimètres. Les musées de Saint-Germain-en-Laye et de Lyon possèdent une très belle collection de ce genre découverte en France. Le musée Britannique, à Londres, montre aussi quelques haches de ce type.

Cependant on a trouvé en Russie une seule petite hache à douille ronde, avec bourrelet et ayant deux anneaux; mais ces anneaux sont fort petits et tout à fait différents des nôtres. Ajoutons de plus que ce n'est qu'une rencontre fortuite, un fait isolé qui ne peut pas servir de point d'appui pour détruire notre hypothèse, et qu'on n'en peut pas conclure qu'il y ait eu en Russie une industrie du même genre que celle que nous supposons avoir existé en Portugal.

Ce résumé rapide nous fait apprécier les différences qui existent entre les divers spécimens qui sont les types locaux de chaque contrée; c'est ce que Monsieur Chantre a fort bien expliqué en disant:

«Que peu à peu l'industrie du métal s'implante dans chaque pays avec l'aide d'ouvriers étrangers, et lorsque les indigènes y ont été complètement initiés, les formes primordiales se modifient, des types locaux sont créés, tout se spécialise de plus en plus dans un périmètre donné, et on arrive à se trouver en face de ces groupes distincts, que Mr. Hildebrand a proposé d'appeler des *provinces*.»

Le même développement a donc existé dans la Péninsule Ibérique et les haches qui ont été découvertes dans les trois provinces du Portugal, sont le produit local d'une industrie indigène.¹ La décou

¹ On lit dans la publication du Musée Préhistorique, par Mr. le Professeur Gabriel De Mortillet, Paris, 1881, à la page 687: «Haches à talons avec deux grands anneaux latéraux. Beira-Alta (Portugal). Récoltes J. da Silva (Musée d'Archéologie Do Carmo, Lisbonne).

«Les haches en bronze de la péninsule ibérique, Espagne (*) et Portugal sont généralement à deux anneaux.»

(*) Nous avons demandé à l'éminent archéologue espagnol Mr. Don Juan de la Rode y Delgado, Membre de l'Académie de St. Ferdinand, de Madrid, s'il avait dans les musées espagnols des haches du même type. Ce savant m'a répondu qu'il n'y avait pas; et de plus, il n'avait aucune notice, d'en avoir trouvées en Espagne de semblables.

verte de ces instruments nouveaux et d'un caractère tout spécial, apporte une pierre de plus à l'édifice de la Science archéologique ; elle apporte une certitude à ce fait important que l'industrie du bronze avait subi dans chaque contrée un développement distinct, en créant des instruments d'une forme nouvelle, comme cela eut lieu en Portugal et d'un type particulier, c'est-à-dire avec *deux anses et talon plein*.

Jusqu'à présent on n'a pas trouvé dans nos contrées des haches à ailerons et à douilles rappelant les types anciens d'origine italienne.

Comme je l'ai déjà dit, je crois que l'âge du bronze n'a pas été de longue durée en Portugal, et mon opinion s'appuie non seulement sur la quantité excessivement restreinte des instruments trouvés dans ce pays, mais aussi sur ce fait connu que dans le commencement de l'usage du bronze dans les autres contrées, ce métal servit d'abord de parure. Toutefois, jusqu'à ce jour, on n'a pas trouvé dans la Péninsule Ibérique aucun ornement de bronze à cet usage.

On peut donc supposer que l'époque de transition de l'âge néolithique à l'âge du fer n'a pas été d'une grande durée, comme cela est arrivé dans le

Nord et le centre de l'Europe, parce que la matière précieuse, le métal, étant rare et difficile à se procurer, l'industrie de la fabrication des instruments de bronze n'eut pas une grande extension pour nos populations préhistoriques.

Je pris la parole, Messieurs, pour vous mettre au courant de la particularité archéologique qui nous a fait rencontrer, dans ce pays, des haches de bronze d'une forme caractéristique qui leur est propre, ce qui conduit à croire qu'il y a eu une industrie locale. Les anciennes populations de notre sol ont donc connu l'usage du bronze, et je suis heureux, Messieurs, de pouvoir vous dire que notre petit pays peut contribuer pour sa part à satisfaire les investigations préhistoriques des savants étrangers et leur fournir des renseignements qui pourraient être utiles aux études archéologiques de la Péninsule Ibérique.

Je serai très fier de penser que la modeste communication que j'ai l'honneur de vous faire, puisse avoir de l'intérêt pour vos savants travaux ; mais il me reste toujours à vous remercier, Messieurs, d'avoir bien voulu en prendre connaissance.

CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

O município de Beja consultou a nossa Associação acerca do modo de restaurar a antiga ermida de Santo André, da era de 1139, no seu verdadeiro estylo. Já votou uma verba para esse fim. Merece muitos louvores a illustrada vereação, que sabe apreciar as nossas antiguidades, e tem empenho em que se respeite o typo de suas respectivas edificações. A nossa Associação fez lançar nas suas actas um merecido voto de louvor por este acto.

Do sabio director do grandioso Museu archeologico de Nurnberg, por intervenção do nosso digno presidente o sr. Possidonio da Silva, recebeu a nossa Associação uma preciosa obra tirada dos exemplares que possui aquelle afamado museu, que, pela sua grandeza e disposição, mais parece ser uma villa. Compõe-se esta obra de 250 estampas gravadas, sobre as armas de fogo, desde a sua remota origem até aos tempos modernos ; assim como uma curiosa collecção de estampas da edade media sobre assumptos religiosos. A associação fará uma exposição especial d'estas gravuras, unicas em Portugal, as quaes chamarão a attenção dos entendidos e a curiosidade do publico.

Foi apresentada na assembléa geral, pelo zeloso presidente da commissão dos monumentos nacionaes, a planta da grande parte já explorada da antiga cidade romana de Nabancia, proxima de Thomar, havendo uma particularidade bastante notavel: que os primitivos canos de esgoto d'esta cidade serviram agora, n'este inverno, para levarem as aguas da chuva ao rio Nabão, depois de dezete seculos em que se achavam entupidos.

O governo agraciou com o grau de cavalleiro da Ordem de Christo o proprietario dos terrenos em que se tem feito as escavações da cidade romana, para o galardoar pela sua bizarra condescendencia em permitir que se explorasse a sua propriedade para o descobrimento dos vestigios d'esta celebridade antiga.

Novos padrões de azulejos foram offerecidos para o nosso Museu ; bem como uma grimpa do principio do seculo xvi.

De uma moeda de ouro do tempo dos Godos encontrada no Sabugal, se fez acquisição para o nosso meda heiro ; veiu preencher uma lacuna nas nossas collecções.

A Sociedade dos Antiquarios e de Numismatica de Philadelphia nomeou socio correspondente o nosso presidente o sr. Possidonio da Silva, declarando o secretario no seu officio de remessa do diploma, que aquella Associação o elegera por apreciar os seus trabalhos scientificos. Foi mais um titulo honroso conferido ao artista portuguez e tambem para a nossa Associação.

Foi incumbido de fazer a planta do theatro, que se vae construir em Elvas, o nosso consocio e distincto architecto, sr. Valentim José Correia.

O conselho facultativo da nossa associação resolveu lavar na acta da sua sessão de 16 de março ultimo um voto de louvor ao nosso consocio o sr. José Maria Caggiani pela sua habil direcção das obras de que está encarregado no interior da egreja matriz de Lisboa.

NOTICIARIO

Em França o governo dispõe todos os annos da verba de UM MILHÃO E MEIO de francos para a restauração e conservação dos monumentos historicos e artisticos. Damos a lista das obras para as quaes a commissão dos monumentos applicará no presente anno essa verba.

Para Arcos de Triumpho, Amphitheatros e Theatros antigos 8, Museus 3, Castellos 6, Cathedraes e Claustros 8, Igrejas 24.

O elevador electrico de Mannheim não necessita, nem de poço nem de embolos, como são precizos para os do systema hydraulico, pois lhe basta uma haste dentada para fazer subir a plataforma e descer, havendo apenas um braço que, fazendo-o girar á esquerda ou para a direita, faz parar, descer ou subir. Em uma experiencia, 8:000 pessoas subiram a 20 metros, sem o menor incidente.

Uma missão archeologica na Persia foi incumbida ao sr. Dieulafoy, com o fim de estudar os monumentos achemenides e sassamides, assim como a sua decoração que era de faiança. Visiton a Fraz e a Susiana, que ninguem tinha ainda percorrido, e será n'essas cidades que principiará as suas investigações.

O acreditado jornal scientifico americano descreve a fabricação de uma substancia formada de serradura e kaolin destinada a servir para materiaes de construcção. Muitas casas de New-York estão construidas com estes materiaes, em lugar de madeira; facilmente pode ser serrado, aplainado, furado e mesmo polido. O seu peso anda quasi por metade do peso do tijolo, além de ter a qualidade de ser incombustivel.

Na Europa ha os seguintes theatros:

Na Italia, 348, França, 337, Hespanha, 160, Allemanha, 194, Austria, 132, Inglaterra, 150, Prussia, 44, Belgica, 34, Hollanda, 22, Suissa, 20, Portugal, 16, Suecia, 10, Dinamarca, 10, Noruega, 8, Grecia, 4, Turquia 4.

A commissão dos monumentos historicos de França, na sua sessão do mez de janeiro deliberou, fazer acquisição dos terrenos em que foram descobertas as ruínas de Sour-Djouab, em Argel, para assegurar a sua conservação.

Fallam os jornaes belgas d'um novo invento que deverá ser bem agradavel ás companhias de tramways.

E' um novo systema de freio: em lugar de applicar o travão contra as rodas e destruir por attrito o movimento da carruagem, aproveita-se esse movimento, no systema em questão, para ligar uma mola que se põe em contacto, quando se pretende parar, com os eixos da carruagem. Esta mola fica tensa durante a paragem. Quando se pretende relomar a marcha volta-se e ella, distendendo-se, actua sobre o eixo no sentido desejado, e dá á carruagem a impulsão que, por assim dizer, havia recebido á paragem.

E' a mola que põe assim a carruagem em movi-

mento e evita aos cavallos os terriveis excessos de força a que são obrigados á partida.

A invenção, cujo principio geral não é conhecido ainda, é verdadeiramente engenhosa: oxalá que na pratica seja exequivel.

Noticia um jornal belga que o vapor de helio: *Sofia* foi alugado para fazer parte da expedição do professor Nordenskiöld á Groenlandia.

A escolha foi boa, ajunta o mesmo jornal, porque aquelle navio é todo construido de ferro e é empregado no inverno em fazer o serviço do correio entre a Suecia e a Finlandia.

A expedição partirá no mez de maio e depois de ter tocado em Rékjavik, capital da Islandia, para tomar carvão, atravessará os estreitos para attingir as costas da Groenlandia, que demoram a 64 grãos de latitude norte.

O gelo formou-n'este sitio uma bahia, e crê-se que, em virtude da experiencia adquirida por numerosas tentativas já feitas, é por ali que mais facilmente se poderá penetrar no interior da Groenlandia, onde se encontrarão provavelmente as ruínas da colonia oriental.

Se por acaso o professor Nordenskiöld não conseguir desembarcar n'aquelle logar, dirigir-se-ha para o sul e dobrará o cabo Farewell, seguindo quanto possivel a costa. Em seguida marchará para o interior de Disco, propondo-se visitar o cabo Melville e tentando depois chegar ao cabo York, á entrada de Smith-Sound.

Sob a presidencia do sr. dr. Brandt realisou-se em 13 de março findo uma reunião da commissão promotora do bazar de prendas, para a fundação da escola d'artes e officios da Sociedade de Instrucção do Porto. Foram assignados, para serem brevemente expeditos, os officios em que a referida commissão sollicita uma prenda de sua magestade a rainha e das sr.^{as} condessa d'Edla, duqueza de Palmella e condessa da Praia.

Resolveu-se publicar a lista de prendas offerecidas e implorar a protecção dos negociantes do paiz para um fim tão benemerito e de tão elevado alcance.

O governo da Austria-Hungria acaba de convidar a França para tomar parte na exposição internacional de electricidade, cuja abertura se ha de effectuar em Vienna a 1 d'agosto proximo.

O *Jornal Official* da republica Franceza, de 22 de março, publica um aviso relativo ao concurso internacional para o monumento que se vae erigir em Roma a Victor Manuel II, primeiro rei d'Italia.

Na freguezia de S. Martinho de Dume, logar da Espessande, por onde em tempos remotos se estendia a cidade de Braga, foram encontradas, nas escavações a que se estava procedendo para a abertura de um poço, diversas medalhas romanas e outras de oiro que ainda ninguem conseguiu classificar.

No mesmo sitio, além de alguns esqueletos pertencentes a epocas muito afastadas, appareceram tambem varios capiteis jonicos e um fuste de rara belleza.

O atheneu archeologico de Braga foi immediatamente convocado e reunir-se-ia ali.

Nas activas excursões do sr. dr. Mattoso, na serra da Estrella, por occasião da expedição da sociedade de geographia, colheu s. ex.^a um importante cabedal entomologico. Entre a sua colleção, já classificada, de nevropteros, em que ha exemplares formosissimos, ha sete *odonattes*, que se não sabia existirem em Portugal, e entre elles um raro, a *Achna juncea*, de que o *Tableau des libellulidées d'Europe*, de Selys de Longchamps, circumscreve a habitação á Europa central.

Deve ser precioso o resultado final dos seus trabalhos.

Como se aproxima a data da partida do ousado emprehendedor Fernando Lesseps para a Africa, julgamos não vir fóra de proposito a publicação d'uma carta em que elle expõe qual o caminho que pretende seguir e as considerações que lhe são suggeridas pelos seus innegaveis conhecimentos, a respeito do importantissimo emprehendimento que actualmente intenta levar a cabo, — a creação de um novo mar interior na Africa.

Parto a 11 de março de Paris e a 12 de Marselha. Acompanham-me um engenheiro da companhia de Suz e meia duzia de apontadores. Não deixarei estes ultimos senão quando tudo estiver concluido. Dirigimo-nos a Gabés e em seguida percorreremos a região dos *chotts* (lagos salgados) a canalisar e examinaremos as sondagens do capitão Roudaire. Se as nossas observações confirmarem as experiencias do capitão, — o que não é duvidoso — estamos salvos.

Disse-se que os *chotts* estavam a uma altitude mais elevada que o nivel do mar; nós pretendemos que elles estejam a 12 ou 13 metros abaixo d'esse nivel. Affirmaram que os trabalhos de canalisação eram impossiveis, porque o terreno era rochoso. Ora as sondagens feitas até 50 metros de profundidade encontram unicamente... saibro.

Verdade é que as affirmações destruidas pelas nossas experiencias, tinham sido feitas pela commissão official nomeada para estudar o assumpto e que era composta de 82 sabios. Até onde poderão ir 82 sabios que discutem!

Eu affirmava que o terreno era propicio e ajuntava que n'outro tempo, talvez mil annos antes de Christo, o lago que nós queremos crear havia existido e que um canal devia certamente ter sido aberto pelos saibros, onde actualmente se encontram os *chotts*.

Quereis saber o que objectaram os 82 sabios? — «Teriamos n'esse caso depositos alcalinos, listrões de sal e não encontrarieis o saibro. Mas como não houve lagos nem canal não pôde haver hoje terrenos saibrosos!»

Estes 82 sabios parece que desconheciam as correntes interiores submarinas descobertas ha 30 annos pelo capitão Maury e que fazem com que o Mediterraneo e o mar Negro não sejam lagos de agua doce.

Apezar de tudo, parto. A minha viagem durará um mez. Recebi uma carta d'Abd-el-Kader, escripta em uma linguagem elevada e que convem a um propheta verdadeiramente serio. N'esta carta, o emir pede aos marabuts e cheiks que me prestem todo o auxilio. Expõe ás populações indigenas as vantagens do mar interior: as suas propriedades serão respeitadas e dobrarão de valor.

Em resumo, vamos terminar os trabalhos prepa-

ratorios e entrar no periodo d'acção. A solução está proxima, por uma razão muito simples: — Não pedimos senão a iniciativa particular e abtemo-nos de qualquer auxilio official.

E' o unico meio, em negocios, de caminhar depressa e bem.»

Sob a protecção de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz, e direcção da Real Associação Central da Agricultura Portugueza, de que Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando é presidente perpetuo, terá logar na Real Tapada d'Ajuda, em o corrente anno de 1883, devendo abrir a 20 de maio e durar 2 mezes, uma exposição agricola, votada pela Junta Geral do districto de Lisboa, em sessão de 26 de maio de 1882, e devidamente auxiliada pelo governo.

A exposição constará de todos os productos agricolas e pecuarios d'este districto, assim como dos similares d'outros districtos que por sua importancia se recommendem, e terá por fins principaes:

1.º Colleccionar os typos authenticos de todos os vinhos do paiz onde sejam representados com o maior cuidado e escrupulo os vinhos mais aptos para fornecer o commercio francez:

2.º Estudar as charruas vinhateiras que melhor possam applicar-se aos nossos solos;

3.º Reconhecer, pelos exemplares que reuna das diferentes especies pecuarias, o estado e tendencias da nossa industria de creação de gados.

Para bem accentuar o caracter positivo e pratico d'esta exposição, proceder-se-ha a ensaios com todos os aparelhos e machinas que poderem funcionar n'essa occasioo fazendo trabalhar os oenothermos e os filtros no aquecimento e limpeza dos vinhos, experimentando as diferentes collas e processos de colagem dos mesmos vinhos; ensaiando as bateadeiras no fabrico da manteiga, os aparelhos aratorios, os destinados á sementeira, ceifa, debulha e limpeza dos cereaes; os elevadores d'agua, as machinas trituradoras e auxiliares do fabrico de adubos, e as mais que por este meio possam ser avaliadas na sua utilidade pratica.

A exposição abrirá com um concurso de rosas, flores e plantas ornamentaes.

Para serem conferidos aos expositores que o merecerem, e segundo a distribuição da tabella que em tempo oportuno será publicada, haverá as seguintes ordens de premios:

- | | |
|-----------------------------|--------------|
| 1.º Premio de honra, unico; | |
| 2.º Premios pecuniarios) | |
| 3.º Medalhas de prata | } 5:000\$000 |
| 4.º Medalhas de cobre | |

Além d'estes haverá um premio de 300\$000 réis dado pelo conselho d'agricultura do districto de Lisboa ao expositor que melhor concorrer em assumpto d'interesse para o districto.

Pelos productos de qualquer especie que forem julgados de merecimento, mas ainda assim não dignos de premio, poderão ser concedidos diplomas de menção honrosa.

O preço da entrada no recinto da exposição será no primeiro dia, de 200 réis por cada pessoa e de 50 réis nos seguintes, excepto ás quintas feiras em que será de 100 réis.

Aos domingos a entrada será gratuita.